



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

13171 - Resumo Expandido - Trabalho - 41ª Reunião Nacional da ANPEd (2023)

ISSN: 2447-2808

GT03 - Movimentos Sociais, Sujeitos e Processos Educativos

A IDENTIDADE RIBEIRINHA NO CURSO DE LETRAS – LÍNGUA INGLESA – EMERGÊNCIAS NO CAMPUS UNIVERSITÁRIO DO TOCANTINS/CAMETÁ (CUNTINS) - UFPA

Geciel Ranieri Furtado - UFPA-PPGEDUC – UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ

**A IDENTIDADE RIBEIRINHA NO CURSO DE LETRAS – LÍNGUA INGLESA – EMERGÊNCIAS NO CAMPUS UNIVERSITÁRIO DO TOCANTINS/CAMETÁ (CUNTINS) - UFPA**

**Resumo:** Neste trabalho trazemos algumas discussões sobre as identidades ribeirinhas a partir dos atravessamentos de representações da língua-cultura inglesa a esses sujeitos no espaço do Campus Universitário do Tocantins/Cametá (CUNTINS) da Universidade Federal do Pará (UFPA). Dessa forma, nosso objetivo foi rastrear os fragmentos de identidades desses alunos ribeirinhos buscando nos seus dizeres os deslizamentos de sentidos. Para isso, precisamos estar em diálogo com algumas noções teóricas nas quais destacam-se: Hall (2003, 2005); Bauman (2013); Farias (2019); entre outros. A pesquisa é de cunho interpretativista com abordagem qualitativa. Para a geração de dados foi realizado uma entrevista com alunos graduandos do curso de Letras língua inglesa, a análise se deu a partir das lentes de interpretação da Análise do Discurso tendo por base os estudos discursivos de Foucault (2010) e Lopes (2018), que nos permitiu entrar em contato as categorias de análise para realizar as análises. Assim sendo, notou-se que ocorre o deslocamento das identidades dos alunos ribeirinhos, a partir do seu contato com a língua-cultura do Outro, dentro da sua formação acadêmica no curso de Letras – Língua Inglesa, fazendo emergir nos sujeitos outras.

**Palavras-chave:** Ribeirinhos, Amazônia Tocantina, Identidades, Língua-cultura inglesa.

## INTRODUÇÃO

O presente trabalho traz algumas discussões sobre as identidades de alunos ribeirinhos que estão em formação acadêmica no curso de Letras – Língua Inglesa no Campus Universitário do Tocantins/Cametá (CUNTINS) da Universidade Federal do Pará (UFPA), buscando rastrear os fragmentos de identidades desses alunos ribeirinhos deixadas na materialidade de seus dizeres evidenciando os deslizamentos de sentidos a partir dessa (trans)formação acadêmica.

Dessa forma, a universidade, sendo, uma instituição que forma sujeitos nas diferentes áreas dos conhecimentos e é constituinte de suas identidades, a partir de suas representações institucionais, na qual o aluno ribeirinho ao ter contato com a universalização do conhecimento passa a se fragmentar, a se (re)constituir, enquanto sujeito no mundo. Pensando nos desafios que é para os alunos ribeirinhos que estão inseridos nas matas e rios da Amazônia Tocantina, que deixam os locais de origem e migram para a cidade em busca dessa formação humana e acadêmica. O Campus Universitário do Tocantins/Cametá faz parte de uma política de interiorização da Universidade Federal do Pará, a qual ocorre a descentralização da UFPA/Belém e são criados Campus Universitários fora da sede em Belém. Essa movimentação foi precisa porque a demanda social dos sujeitos era muito grande e esse movimento busca atender alunos ribeirinhos, quilombolas, indígenas e assentados rurais espalhados pelo estado, e, assim aumentar o impacto da universalização do conhecimento no Pará (COELHO, 2008).

Diante disso, pensar o processo de implantação do curso de Letras – Língua Inglesa pela Universidade Federal do Pará em Cametá, se faz importante para compreendermos a sua relevância para o contexto social da cidade de Cametá, sendo que é desse lugar que os alunos do curso (re)criam e tecem as suas outras identidades e dessa forma movimentarmos as discussões que envolvem a formação de sujeitos na língua-cultura inglesa no Baixo Tocantins/Cametá. O curso de Letras – Língua Inglesa foi criado em 2007, com a aderência da UFPA ao Programa de Apoio aos Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (REUNI), o qual deu ênfase nas licenciaturas para que os Campi do interior pudessem intensificar suas ações para a formação de mais professores. Então o curso já vem atuando a 16 anos no baixo Tocantins recebendo alunos oriundos das localidades ribeirinhas espalhadas pelas cidades do Baixo Tocantins.

Então, tomamos o conceito de identidade, a partir dos estudos de Hall (2005) e Bauman (2013), que apontam para a liquidez do conceito de identidade a partir da modernidade e da pós-modernidade, como algo fluido e não mais centrado ou cristalizado no individualismo humano, mais afetado pelas relações com os outros sujeitos dentro dos diferentes ambientes e contextos de vida das pessoas. Assim, durante a vida, os sujeitos vão sendo constituídos por diferentes identidades e assumem diferentes identidades dependendo da realidade e do lugar que este esteja, contudo não podemos dissociar esses fragmentos identificatórios de uma parte-todo, pois essas se ligam ao sujeito tornando o sempre deslocado, (re)constituído por algo novo. Isso fica evidente quando o sujeito em determinados

momentos da sua vida deixa à mostra uma das multifaces identificatórias.

Dentro das relações que mantemos com as diferentes comunidades de sujeitos ao qual nos filiamos no decorrer da vida, sejam elas religiosa, escolar, profissional, familiar e amigável, percebemos a não homogeneidade de nós mesmos, nessas relações, pois o contato com cada um desses se dá de maneira diferente, além do que, como sujeitos somos heterogêneos e não temos apenas uma identificação de nós mesmos, porque essa identidade vai depender do Outro com que eu estou ou entro em contato. E a cada um desses grupos de sujeitos apresenta uma ou mais (multi)facetas si.

Dessa forma, Bauman (2005) e Hall (2006) consideram o sujeito como descentrado de si e transitório em si e ao outro, pois a multiplicidade de atravessamentos da pós-modernidade exige isso dos sujeitos. A velocidade dos acontecimentos da vida, consequência dos estímulos da globalização permite aos sujeitos esses movimentos identificatórios e transitórios no seu espaço de vida, como, um caleidoscópio que ao ser movido se modifica, assumindo uma outro face de si, ou seja, ao mover uma parte de um todo forma-se uma nova imagem, neste movimento há uma ruptura na forma “original”, mas que não deixa de existir e fazer parte de um todo comple(xo)(to).

Dessa forma, Farias (2019, p. 12) discute que os sujeitos ribeirinhos são “pessoas que residem às margens de rios e igarapés, cuja principal atividade de sobrevivência é a pesca artesanal, pequenas lavouras e extração de frutos das matas, como açaí, cacau, andiroba, que são importantes referências para seus modos de vida” essas atividades fazem parte da labuta do dia-a-dia dos ribeirinhos que se constituem a partir das relações de troca de experiências com o outro nos seus diferentes espaços vida. Aliados ao que Farias (2019) menciona, podemos ainda dizer que a maior fonte de renda dos sujeitos ribeirinhos são a comercialização do açaí pela compra e venda, além de servir de base para a alimentação das pessoas na região cametaense e arredores, por mais que a pesca artesanal seja uma atividade importante para os ribeirinhos a escassez de peixes leva-os a buscar outras fontes de renda, ademais a criação de animais como porcos, galinhas e patos também é uma prática bastante comum entre os ribeirinhos.

Compreendemos que essa natureza essencial colocada pelo autor reflete nas representações que os sujeitos empreendem sobre suas identidades, a partir de onde se inseriu, por exemplo, o ribeirinho que nasce em um lugar sócio-histórico-cultural determinado e que a partir das suas relações com Outro desloca as suas representações de si e não do lugar que (des)ocupa, pois “[...] as identidades nacionais não são coisas com as quais nós nascemos, mas são formadas e transformadas no interior da *representação*” Hall (2006, p. 48, grifos do autor). Desse modo, essas representações podem ser deslocadas, e assim, deslizar as identificações desses sujeitos ribeirinhos.

## **METODOLOGIA**

A nossa pesquisa possui um caráter interpretativista e, assim, partimos de uma visão

metodológica que permitisse diferentes gestos de interpretação para o material de análise, conscientes das escolhas que (re)significam e que tensionam as formas de neutralidade que sugere as muitas produções científicas, assim buscamos assumir uma posição crítica-reflexiva sobre a temática em diálogos com a historicidade dos sujeitos e dos acontecimentos. Desse modo, fazemos o uso das técnicas e instrumentos de pesquisa adequados a essa perspectiva, assim nossa proposta se aproxima de uma abordagem qualitativa, pois nos levam a considerar aspectos importantes sobre as diferentes realidades e contextos dos sujeitos ribeirinhos no Baixo Tocantins. Além da fundamentação teórica que permitiu estarmos em contato com diferentes teóricos que trazem discussões sobre nossa investigação. Para a geração de dados entrevistamos alunos em formação no curso de Letras – Língua Inglesa do Campus Universitário do Tocantins/Cametá da UFPA. A análise se deu a partir das lentes de interpretação da Análise do Discurso sendo possível rastrear nos dizeres dos alunos os seus fragmentos de identidades.

### **ANÁLISE E DISCUSSÃO DE RESULTADOS**

Perguntamos aos sujeitos sobre sua origem e como é ser-estar ribeirinho? A partir dessa indagação, emerge um conjunto de representações sobre si e suas identidades e assim podemos movimentar seus efeitos de sentidos, que os alunos ribeirinhos têm sobre o que viver entre rios e matas, a partir do curso de Letras – Língua Inglesa no CUNTINS/Cametá:

Recorte discursivo: Sou de uma comunidade chamada Juruaté, sou ribeirinha no caso. (risos) Olha ser ribeirinha assim não tem como falar em ser ribeirinha sem colocar todas as questões né que a gente digamos passa né que a gente vive a realidade que a gente vive então ser ribeirinho é estar em contato com a natureza estar em contato com as águas com os rios que cercam com igarapés que é que passa por trás de nossas casas né ser ribeirinho é ser identificado muitas vezes pelo nosso linguajar né e enfim né.

Ao falar de si o sujeito deixa escapar na porosidade da linguagem alguns pontos que evidenciam as formas que esse sujeito si ver e ver o O(o)utro na sua comunidade, a partir das relações que mantém na sociedade. O sujeito ao dizer sobre a sua origem “Sou de uma comunidade chamada Juruaté, eu sou ribeirinha no caso” demarcar o seu local de origem como sendo integrante da parte-todo de uma comum unidade que se (des)identifica pelas águas do rio que constitui as suas subjetividades dentro da sua comunidade, pois é apenas “uma comunidade” demarcando o seu território como seu, excluindo as outras comunidades que formam as outras localidades cametaenses, pois, sua localidade ribeirinha “Juruaté” a constitui de uma forma diferente que se distingue de uma outra comunidade ribeirinha, sendo que cada lugar possui especificidades nas suas práticas e modos de vida.

Nota-se que o sujeito não nega seus outros processos constitutivos em sociedade, pois ao colocar que “no caso” específica que nesse momento está trazendo considerações do seu lugar de fala, mas, também deixa espaço para compreendermos que esse sujeito não é só ribeirinho evidenciando indícios de não possuir apenas uma identidade, porém dar ênfase para apenas uma, de suas (inter)faces de identificações. Neste caso, a sua formação acadêmica em Letras – Língua Inglesa amplia a sua percepção de ser-estar entre os rios e matas na

Amazônia Tocantina, deslocando as suas identificações para outras formas de ser-estar no mundo.

Pensando nos atravessamentos de vozes que precedem o sujeito do dizer que reverberam as representações do ser-estar entre matas e rios, o sujeito se diz “[...] ser ribeirinha assim não tem como falar em ser ribeirinha sem colocar todas as questões né que a gente digamos passa né que a gente vive a realidade que a gente vive” ao tentar “colocar” as “questões” que o ribeirinho “passa” e “vive” na sua “realidade” denotam para duas linhas que precisam ser dialogadas, primeiro o sujeito ribeirinho coloca a sua relação com a natureza “é estar em contato com a natureza estar em contato com as águas com os rios que cercam com igarapés que é que passa por trás de nossas casas” evidenciando a importância do rio para a constituição dos modos e práticas de vida dos sujeitos ribeirinhos e segundo o sujeito ao dizer que “passa” por “questões” ecoa um não-dito no seu enunciado, pois essas questões que atravessam os sujeitos que vivem às margens dos rios e a margem da sociedade confronta políticas públicas que negligenciam esses sujeitos que “passa” a viver sem respostas para as suas “questões”.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

Notamos que as representações de ser-estar ribeirinho dos alunos ribeirinhos do curso de Letras – Língua Inglesa são confrontadas com essa nova realidade formativa, pois é através dessa formação acadêmica, que o sujeito ribeirinho se tornará professor de Língua Inglesa para outros sujeitos, que assim como ele possuem especificidades que ligam na/pela educação. Desse modo, o olhar de si ribeirinho sofre mudanças, já que a sua identidade foi alterada no processo de (trans)formação. Assim as redes discursivas dos sujeitos ribeirinhos se ligam às representações de língua-cultura inglesa tecendo novas formas de silenciamentos e pagamentos que caracterizam o envolvimento dos sujeitos ao Outro (des)conhecido. Consideramos que a língua-cultura inglesa, assim como pode aproximar os sujeitos, ela pode ao mesmo tempo afastar os sujeitos de oportunidades, que o ensino-aprendizagem de língua-cultura inglesa pode possibilitar. E dessa forma, compreendemos que as identidades ribeirinhas são remodeladas a partir do curso de Letras – Língua Inglesa apontando para trás as emergências de pensarmos essas questões no Campus Universitário do Tocantins/Cametá (CUNTINS), pois está (trans)formando a realidade de muitos outros sujeitos.

### REFERÊNCIAS

- BAUMAN, Zygmunt. **A cultura no mundo líquido moderno**. 1. J. Zahar. 2013.
- COELHO, M. do S. da C. **Nas Águas o Diploma: O Olhar dos Egressos sobre a Política de Interiorização da UFPA em Cametá-PA**. 332f. 2008. Tese (Doutorado em Educação: Currículo), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2008.
- FARIAS, Meurygreece Caldas. **Práticas, saberes e resistências de mulheres no contexto histórico e cultural no período da extração da borracha na ilha de itanduba, município de Cametá/PA**. Dissertação (Mestrado em Educação e Cultura) Programa de Pós-graduação em Educação e Cultura (PPGEDUC), da Universidade Federal do Pará, Campus Universitário

do Tocantins/Cametá. 2019. Disponível em:  
<<https://ppgeduc.propesp.ufpa.br/index.php/br/teses-e-dissertacoes/dissertacoes/209-banca-de-qualificacao>>.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. Trad. Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Loyola, 2010.

HALL, Stuart. **Da Diáspora: identidades e mediações culturais**. Liv Sovik (org); Trad. Adelaine LaGuardia Resende. Belo Horizonte: Editora UFMG. 2003.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DPA, 2005.

LOPES, Lucas Rodrigues. **Moradores de rua em vídeos do YouTube: (des) (re)territorializações do espaço-tempo no(s) discurso(s) de si e do(s) outro(s)**. Tese (doutorado), Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP: [s.n.], 2018.